

RESENHAS BIBLIOGRÁFICAS

**BERQUE, Augustin. (1992) MÉDIANCE:
DE MILIEUX EN PAYSAGES.
Montpellier, RECLUS.**

*Cristina Coutinho*¹

Augustin Berque cria um novo termo: "médiance" para designar o sentido dado ao meio. Este sentido não é composto apenas pelo objetivo, muito menos pelo subjetivo apenas. Ele se compõe pela "trajection" que é a "combinaison médiale et historique du subjectif et de l'objectif, du physique et du phénoménal, de l'écologique et du symbolique". Berque associa o mundo fenomenológico com o mundo físico, ou melhor, para ele, a distinção entre estes dois mundos proposta pela modernidade está em crise.

Propõe-se assim a razão "trajective" que busca a unidade entre estes aparentes dois mundos. Não se trata, portanto, de negar o racional mas de dirigi-lo para além da mera consideração do meio em si; a médiance privilegia a relação entre o meio e o homem, o que se expressa na paisagem.

A paisagem, no entanto, formulou-se quando o homem destacou-se da natureza, olhando-a como diferente de si mesmo. Porém, a pai-

1 Doutoranda do Curso de Pós - Graduação em Geografia Humana do Departamento de Geografia - FFLCH - USP.

Cristina Coutinho

sagem não é a natureza ou o meio em si, nem puramente a visão do homem em si; ela é composta na relação entre os dois. Analisar a paisagem meramente como um domínio do cultural ou do social, ou como domínio apenas do ecológico e do biológico é um absurdo quando se leva em conta a definição de "médiance". Mas nesta relação, sujeito e objeto não se confundiriam? O apagar da distinção sujeito/objeto seria o germe do desaparecimento da paisagem? Ora, o próprio sujeito tornou-se paisagem, observa-se o próprio olhar, analisa-se a construção do olhar. Sublinha-se, contudo, que este é um processo fenomenológico e físico; o olhar constrói-se na relação da sociedade com o seu meio. A base material e os atores sociais estão em "trajection", quer dizer, existe um movimento de trajeto permanente entre eles; de tal forma eles se imbricam, que um remete sempre ao outro, compondo uma dinâmica de relação que está sempre sendo refeita.

Propõe o autor que todo planejamento deve levar em conta a médiance, ou seja a interferência em um meio deve ser feita a partir desta. Para interferir no meio indica-se que convém primeiro conhecer a tendência histórico- ecológica objetiva deste meio; os sentimentos que são experimentados em relação ao meio em questão; as significações vinculadas a ele. Seria essencial, segundo o autor, ouvir as populações locais que vivenciam o meio que vai ser objeto de uma intervenção. A racionalidade seria, neste caso, manejar as escalas do local e do planetário. Se o domínio desta relação de escalas não é feito, o planejamento corre o risco da irracionalidade. As indústrias devem manejar o ambiente sócio- cultural em que se inserem bem como o ambiente técnico- comercial que escapa ao local e alcança a escala planetária.

Reafirma-se a existência do lugar; o espaço universal é tido como literalmente utópico; ele inexistente. O homem tem necessidade do lugar e sua expressão criadora deve levar em conta o sentido do lugar. Prossegue-se com a análise da "médiance" em escalas diversas, perscruta-se "trajections" novas, quer dizer novas relações entre o meio, o lugar, os atores sociais, a paisagem. Mas estas novas "trajections" estarão

marcadas pela memória coletiva, pelo gosto da sociedade, pela sua história, pela eco-simbologia já desenvolvida.

O conceito de eco-simbologia alia-se ao conceito de "médiance". Esta último ao trabalhar sempre com a relação entre o físico e o fenomenal abre condições para o estudo dos símbolos que impregnam os meios, os lugares, as paisagens. Berque sugere, por exemplo, o estudo da praça pública como eco-símbolo da cidade européia. Qual seriam os eco-símbolos da cidade brasileira? Shopping-centers? Refazem-se os eco-símbolos; além disso, admite-se que em um mesmo lugar, mesma paisagem, mesmo meio, várias simbologias podem estar presentes; existiriam aquelas que são dominadas e por isso permanecem menos valorizadas e aquelas que são dominantes. A médiance trabalharia com estas várias simbologias.

Este livro de Augustin Berque está estruturado em quatro partes. A primeira "Les Fleuves et les mots" introduz dois conceitos chaves: "médiance" e "trajection".

O autor usa imagens de um rio para demonstrar metaforicamente a relação que existe entre as paisagens e as palavras. A segunda parte denominada "Chimères hier comme aujourd'hui" aponta dois erros ou quimeras no dizer de Berque muito comuns na ciência de ontem e hoje: uma reduz o objeto às representações subjetivas deste; a outra aniquila o estudo das representações atendo-se ao objeto em si. Propõe-se, então, a ciência que não separa o fenomenológico e o físico; o subjetivo e o objetivo. A terceira parte "Vers une Mésologie" indica a ecológica. A quarta parte "Orient" orienta possibilidades de um planejamento que leve em conta a "médiance", a "trajection". O autor usa em todo o livro exemplos pertinentes à sua experiência de vida no Japão e na França. Como o próprio Berque sugere não há nada mais disparate que um jardim japonês. Nesta oposição Berque se encaminha na direção do oriente.

